

Horizontes teológico-pastorais da exortação apostólica *Dilexi te*

Theological-pastoral horizons of the apostolic
exhortation *Dilexi te*

*Eliseu Wisniewski**

Recebido em: 11/11/2025. Aceito em: 10/02/2026.

Resumo: O presente estudo propõe uma análise teológico-pastoral da exortação *Dilexi te*, tomando como ponto de partida sua estrutura interna, organizada em cinco capítulos. O documento delineia um itinerário que se inicia no fundamento espiritual e bíblico do amor preferencial pelos pobres e se desdobra até sua expressão concreta na vida e na missão da Igreja. Tal percurso converge para um chamado permanente à conversão pastoral e social do conjunto da comunidade eclesial. A investigação parte da compreensão de que a própria disposição estrutural do texto constitui uma chave hermenêutica para interpretar seu desenvolvimento interno. Assim, a análise acompanha a progressão proposta pelo magistério, que articula, de forma gradual, o alicerce bíblico-espiritual, os princípios teológicos e as exigências pastorais emergentes do compromisso eclesial com os pobres. Metodologicamente, a pesquisa integra a leitura da organização textual com a interpretação teológica de seus eixos conceituais e com a avaliação pastoral das implicações práticas que deles decorrem. Busca-se, desse modo, articular de maneira consistente a dimensão estrutural, o núcleo teológico e as orientações pastorais presentes na exortação. O objetivo central consiste em evidenciar como a dinâmica interna do documento sustenta e fundamenta o apelo contínuo à conversão pastoral e social da Igreja, permitindo uma compreensão aprofundada dos elementos constitutivos do pensamento magisterial expressos em *Dilexi te*.

Palavras-chave: exortação apostólica; opção preferencial pelos pobres; dimensão social da fé.

Abstract: This study proposes a theological-pastoral analysis of the exhortation *Dilexi te*, taking as its starting point its internal structure, organized into five chapters. The document outlines an itinerary that begins with the spiritual and biblical foundation of the preferential love for the poor and unfolds toward its concrete

* Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).
E-mail: eliseu.vicentino@gmail.com.





expression in the life and mission of the Church. This trajectory converges into a permanent call for the pastoral and social conversion of the entire ecclesial community. The investigation begins with the understanding that the very structural arrangement of the text constitutes a hermeneutical key for interpreting its internal development. Thus, the analysis follows the progression proposed by the magisterium, which gradually articulates the biblical-spiritual foundation, the theological principles, and the pastoral demands emerging from the Church's commitment to the poor. Methodologically, the research integrates the reading of the textual organization with the theological interpretation of its conceptual axes and with the pastoral assessment of their practical implications. In this way, it seeks to coherently articulate the structural dimension, the theological core, and the pastoral orientations present in the exhortation. The central objective is to highlight how the internal dynamics of the document sustain and ground the ongoing call for the pastoral and social conversion of the Church, allowing for a deeper understanding of the constitutive elements of the magisterial thought expressed in Dilexi te.

Keywords: *apostolic exhortation; preferential option for the poor; social dimension of faith.*

A Exortação Apostólica *Dilexi te*: sobre o amor para com os pobres (Leão XIV, 2025) apresenta-se como um marco significativo no magistério recente da Igreja, tanto pelo seu conteúdo teológico-pastoral quanto pela sua gênese singular. Trata-se de um documento que, embora oficialmente promulgado pelo sucessor de Francisco, conserva em grande medida o pensamento, a linguagem e o espírito do pontífice argentino. Essa peculiaridade confere à exortação um caráter duplo: por um lado, é testemunho de fidelidade à visão pastoral de Francisco; por outro, representa uma releitura e uma atualização dessa mesma visão sob a perspectiva de um novo pontificado.

Dividida em cinco partes¹ que articulam exegese bíblica, reflexão teológica e interpelações pastorais, a exortação propõe uma leitura integral da caridade cristã, com especial ênfase no amor preferencial pelos pobres. Seu conteúdo percorre desde a fundamentação evangélica dessa opção, ancorada na vida e nas palavras de Jesus, até as implicações sociais e eclesiais do compromisso com os marginalizados. Nesse sentido, o documento reafirma a centralidade do pobre como lugar teológico e hermenêutico, convocando a Igreja a uma conversão pastoral que una fé e justiça.

¹ WISNIEWSKI, E. A densidade teológica e pastoral da Exortação apostólica *Dilexi te*. In: *Ciberteologia*, São Paulo, n. 81, p. 61-78, jan./abr. 2026.



Diversos intérpretes destacaram o caráter distintivo de *Dilexi te*. Para Manuel Vidal, “tem cheiro de Francisco, tem gosto de Francisco, é Francisco” (Vidal, 2025, *online*), expressão que sintetiza a impressão de autenticidade evangélica e de continuidade espiritual com o pontificado anterior. Alberto Roseli a define como “puro evangelho” (Roseli, 2025, *online*). Andrea Grillo, por sua vez, a qualifica como um “verdadeiro magistério dos pobres” (Grillo, 2025, *online*). Frei Betto interpreta a exortação como a consagração eclesial da Teologia da Libertação, ao legitimar teologicamente a inseparabilidade entre fé, justiça social e compromisso histórico com os pobres (Betto, 2025, *online*).

Dilexi te se inscreve na tradição viva do magistério social da Igreja, mas com uma força renovadora que traduz, em linguagem pastoral e profética, o apelo evangélico ao amor concreto e efetivo pelos pobres. Como documento nascido de uma transição pontifícia e impregnado do espírito franciscano, sua recepção se configura como um momento privilegiado de continuidade e discernimento para a Igreja do século XXI, reafirmando que o amor aos pobres não é apenas uma dimensão da caridade cristã, mas o próprio centro do Evangelho de Jesus Cristo.

O presente trabalho tem por objetivo analisar, em perspectiva teológico-pastoral, a referida exortação a partir de sua estrutura interna. O documento, composto por cinco capítulos, revela um itinerário que vai do fundamento espiritual e bíblico do amor preferencial pelos pobres à sua concretização eclesial e histórica, culminando na apresentação de um apelo permanente à conversão pastoral e social da Igreja. Assim, pretende-se, com base na divisão textual da exortação, evidenciar os principais elementos teológicos e pastorais que sustentam o pensamento magisterial nela contido.

1 Introdução

A Introdução (n. 1-3) apresenta um denso itinerário teológico e espiritual que articula a revelação do amor de Cristo com a missão pastoral da Igreja junto aos pobres. Os três primeiros números constituem uma meditação que, à luz da Escritura e do magistério recente, busca recolocar no centro da vida eclesial a dimensão concreta e encarnada do amor divino.

Do ponto de vista teológico, o texto estabelece um eixo cristológico e soteriológico bem definido: o amor de Cristo manifesta-se de modo



privilegiado na sua relação com os pobres e humildes. A citação de Ap 3,9: “Eu te ameí”, dirigida a uma comunidade fraca e marginalizada, é interpretada como expressão paradigmática do amor gratuito e fiel de Deus que se revela precisamente na fraqueza. Essa leitura bíblica é aprofundada pela referência ao Magnificat (Lc 1,52-53), que amplia a perspectiva ao integrar a dimensão mariológica da exaltação dos humildes e da derrubada dos poderosos. Assim, a Introdução articula uma teologia do amor divino em chave de reversão evangélica, na qual a lógica do Reino subverte as hierarquias humanas e socioculturais (Boff, 2006, p. 311-380).

A referência à encíclica *Dilexit nos*, de Papa Francisco (2024), oferece um ponto de continuidade magisterial significativo. A espiritualidade do Coração de Jesus, interpretada como comunhão com os que sofrem, é retomada e desenvolvida como fundamento de uma práxis eclesial voltada para a compaixão e a justiça. O documento, portanto, não apenas retoma a tradição da devoção ao Sagrado Coração, mas a reformula em chave social e pastoral, mostrando que a contemplação do amor misericordioso de Cristo conduz necessariamente ao engajamento concreto em favor dos pobres.

Do ponto de vista pastoral, a Introdução propõe uma espiritualidade de identificação com Cristo mediante o serviço e a solidariedade (Blank, 2013, p. 233-236). O amor contemplado deve tornar-se amor operante, traduzido em atitudes de proximidade, cuidado e promoção da dignidade humana. O gesto de Leão XIV, ao dar continuidade ao projeto iniciado por Francisco, reforça a dimensão eclesial da caridade, indicando que o cuidado com os pobres não é uma opção entre outras, mas expressão constitutiva da fidelidade ao Evangelho (Aquino Júnior, 2018, p. 21-59).

2 Algumas palavras indispensáveis

O primeiro capítulo (n. 4-15) oferece uma hermenêutica cristocêntrica da caridade, partindo do gesto evangélico da mulher que unge Jesus (cf. Mt 26,8-9.11). Tal ponto de partida não é meramente narrativo, mas teológico: o gesto amoroso e aparentemente “inútil” da mulher torna-se, nas palavras de Jesus, memorial e paradigma do amor que se traduz em cuidado. Essa leitura insere-se na lógica da *kenosis* (cf. Fl 2,6-11), onde o amor divino se revela na vulnerabilidade e no serviço.

Ao afirmar que o amor a Cristo está intrinsecamente ligado ao amor aos pobres, este capítulo retoma a tradição bíblica da identificação



de Cristo com os pobres (cf. Mt 25,40). Essa perspectiva ecoa a teologia da encarnação, segundo a qual o mistério do Verbo feito carne é inseparável da solidariedade divina com a condição humana (Ladaria, 2021, p. 17-38). Assim, a caridade deixa de ser uma prática acessória da fé e se torna uma dimensão constitutiva da revelação cristã, uma epifania de Deus no rosto do outro (Ribeiro, 2025, p. 11-16).

Do ponto de vista eclesiológico, o capítulo reafirma a opção preferencial pelos pobres como eixo estruturante da missão da Igreja. Essa opção, inspirada no testemunho de São Francisco de Assis e promovida pelo magistério do Papa Francisco, não é uma categoria sociológica, mas teológica e pastoral: nela se manifesta a fidelidade da Igreja ao estilo de Cristo, pobre e servo. Acentua-se neste capítulo que essa opção tem força transformadora, libertando a Igreja de uma postura autorreferencial e chamando-a a uma conversão pastoral permanente (Brighenti, 2021, p. 153-167). Pastoralmente, o texto convida a uma espiritualidade da proximidade, que integra contemplação e ação. Amar os pobres é uma forma concreta de amar Cristo; por isso, a pastoral não pode reduzir-se a assistencialismo, mas deve promover comunhão, dignidade e justiça. A caridade, nesse sentido, é princípio teológico e práxis evangelizadora (Brighenti, 2021, p. 51-55).

O capítulo também se destaca por uma leitura profética da realidade atual. A denúncia da cultura do descarte e do consumismo evidencia uma antropologia distorcida, centrada no indivíduo e no lucro, em contraste com a visão cristã do ser humano como relacional e solidário. A crítica à falsa meritocracia é particularmente relevante, pois desvela a ideologia que justifica as desigualdades sob o pretexto da responsabilidade individual (Aquino Júnior, 2020, p. 113-147).

Ao identificar a pobreza como um “grito” que atravessa a história, o capítulo articula uma teologia da compaixão, onde o sofrimento humano é lugar teológico: Deus se deixa encontrar na dor e na esperança dos pobres. Essa teologia do clamor ecoa a tradição profética e encontra ressonância na Doutrina Social da Igreja (Aquino Júnior, 2019, p. 135-143).

Por fim, o primeiro capítulo identifica os principais desafios concretos que se impõem à ação pastoral:

- a) superar a indiferença que nasce da abundância e do conforto;
- b) educar para a solidariedade, especialmente em contextos marcados pelo individualismo e pela desigualdade;



- c) reconfigurar a pastoral social, integrando evangelização, promoção humana e cuidado integral;
- d) dar visibilidade às mulheres pobres, cuja marginalização denuncia a intersecção entre opressões econômicas e culturais.

3 Deus escolhe os pobres

O segundo capítulo (n. 16-12) constitui um dos eixos centrais da teologia da misericórdia desenvolvida no documento, ao afirmar que a opção preferencial de Deus pelos pobres é expressão concreta e histórica de seu amor salvífico. A leitura teológico-pastoral deste capítulo revela a tentativa de integrar, de modo equilibrado, os fundamentos bíblicos da predileção divina pelos marginalizados e as consequências eclesiais e missionárias dessa opção.

A narrativa salvífica, conforme apresentada na *Dilexi te*, é interpretada a partir de uma hermenêutica da misericórdia que enxerga, desde o Êxodo, a atuação de Deus como libertador dos oprimidos. Essa perspectiva é coerente com a tradição profética (cf. Am 5,24; Is 58,6-7) e com a práxis de Jesus de Nazaré, cuja encarnação e ministério são apresentados como o ponto culminante da solidariedade divina. O capítulo sublinha que a pobreza de Cristo, nascido em humildade, vivendo como trabalhador e morrendo na cruz não é mera contingência sociológica, mas dimensão constitutiva do mistério da encarnação. Assim, a *kenosis* (cf. Fl 2,6-8) torna-se o paradigma teológico da opção pelos pobres (Blank, 2011, p. 109-115).

A noção de “*privilegium pauperum*”, ou seja, o privilégio dos pobres aparece no texto como categoria teológica que expressa a predileção divina pelos pequenos, reinterpretando-a não como favoritismo, mas como justiça reparadora. Tal concepção evita o risco de uma leitura ideológica, reafirmando que o amor de Deus é universal, mas se manifesta de modo preferencial onde a vida é mais vulnerável. Essa tensão entre universalidade e particularidade é tratada com equilíbrio pastoral, evitando tanto o exclusivismo quanto a neutralidade abstrata (Libanio, 2013, p. 293-297).

Este capítulo propõe uma eclesiologia da misericórdia: a Igreja é chamada a ser “pobre e para os pobres”, expressão retomada das intuições do Concílio Vaticano II e do magistério do Papa Francisco (Francisco, 2014, p. 11-24). Essa identidade eclesial não é apenas um



ideal espiritual, mas uma forma concreta de participação na missão de Cristo. As referências às primeiras comunidades cristãs que partilhavam bens e cuidavam das viúvas funcionam como modelo de uma pastoral da comunhão e da solidariedade.

Pastoralmente, este capítulo traduz a opção pelos pobres em atitudes de serviço, partilha e acolhimento, fundamentadas nas obras de misericórdia corporais e espirituais. O texto reitera que tais práticas não são filantropia, mas expressão sacramental da fé viva, conforme a teologia de São Tiago: “a fé sem obras é morta” (Tg 2,17). O serviço ao pobre é apresentado como lugar teológico privilegiado de encontro com Cristo (cf. Mt 25,40), o que tem implicações diretas para a espiritualidade e a missão evangelizadora da Igreja.

A leitura pastoral do segundo capítulo convida à conversão eclesial diante das novas formas de pobreza e exclusão, sejam materiais, culturais ou espirituais. A opção pelos pobres, entendida como dimensão constitutiva da fé, implica um discernimento contínuo sobre as estruturas sociais e econômicas que geram injustiça. Nesse sentido, o segundo capítulo reforça a tradição da Doutrina Social da Igreja, integrando a dimensão caritativa à profética e transformadora (Bogaz, 2022, p. 130-143).

A insistência na gratuidade e na alegria da partilha revela uma espiritualidade da generosidade que transcende o assistencialismo (Aquino Júnior, 2014, p. 127-135). O chamado é para uma Igreja que se reconhece necessitada, solidária e servidora, convertendo-se a um estilo de vida mais evangélico e menos institucionalmente autorreferencial.

4 Uma igreja para os pobres

O terceiro capítulo (n. 35-81) aprofunda uma das intuições centrais do pontificado do Papa Francisco: o ideal de uma Igreja pobre e para os pobres (Aquino Júnior, 2018, p. 9-20). Essa formulação, evocada já nos primeiros dias de seu pontificado, não é mero *slogan* pastoral, mas expressão de uma teologia enraizada no Evangelho e na tradição viva da Igreja. O capítulo articula história, doutrina e espiritualidade, mostrando que o cuidado com os pobres é constitutivo da identidade eclesial e não simples dimensão opcional de sua missão.

A teologia subjacente ao capítulo é claramente cristocêntrica: a opção pelos pobres nasce da contemplação do Cristo pobre e crucificado, que se fez solidário com a condição humana até o extremo da entrega



(Blank, 2011, p. 179-190). A pobreza de Cristo, entendida não apenas como carência material, mas como despojamento e comunhão, torna-se paradigma da vida e da missão eclesial. Nesse sentido, o cuidado com os necessitados não é uma consequência moral, mas uma participação sacramental no mistério da Encarnação (Blank, 2013, p. 325-328).

A tradição patrística (Ibáñez, 2025), amplamente evocada no texto, reforça essa dimensão. Os Padres da Igreja, de Santo Inácio de Antioquia a Santo Agostinho, não dissociavam fé e caridade, culto e justiça. Para eles, o pobre é lugar teológico, “sacramento de Cristo”, no qual a Igreja reconhece o rosto de seu Senhor. Essa linha patrística confere ao capítulo uma sólida continuidade teológica, mostrando que a “Igreja para os pobres” não é uma invenção moderna, mas um retorno às fontes.

A eclesiologia implícita nesse capítulo é profundamente diacônica e comunitária (Kasper, 2012, p. 282-283). A Igreja aparece como comunidade servidora, cuja autoridade se manifesta na humildade e na caridade. Inspirada em Atos dos Apóstolos, a figura dos diáconos, especialmente São Lourenço, revela a íntima união entre serviço aos pobres e testemunho da fé. A caridade, portanto, não é mera obra assistencial, mas expressão da própria natureza da Igreja como sacramento universal de salvação.

Ao afirmar que “a autenticidade da Igreja se mede por sua proximidade aos pobres”, o texto adota um critério pastoral de verificação da fé eclesial. Essa perspectiva retoma o magistério conciliar e pós-conciliar: Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco, reforçando a ideia de que a evangelização só é credível quando toca concretamente a carne dos últimos. A pobreza, vivida e assumida como solidariedade, torna-se elemento de reforma e purificação da Igreja.

O capítulo destaca com rigor histórico o percurso da Igreja no cuidado com os pobres: das diaconias primitivas às ordens hospitalares, das comunidades monásticas às congregações educativas, dos missionários junto aos migrantes aos movimentos populares contemporâneos. Essa narrativa mostra que a opção pelos pobres é um fio contínuo que estrutura a história da santidade cristã.

A vida consagrada aparece como laboratório evangélico da caridade. Os exemplos de São Basílio, São Bento, São Francisco, Santa Clara, São João de Deus, Santa Teresa de Calcutá e Santa Dulce dos Pobres ilustram a fecundidade espiritual da pobreza vivida como comunhão. O



texto evidencia também que a caridade autêntica é sempre transformadora, pois busca superar as causas estruturais da miséria, e não apenas aliviar seus efeitos.

A menção aos movimentos populares e à pastoral dos migrantes atualiza essa tradição, mostrando a continuidade entre o Evangelho e as urgências sociais de hoje. A caridade se traduz em compromisso social e político, numa clara sintonia com a *Evangelii Gaudium* (n. 186-216), onde Francisco propõe uma “Igreja em saída” que assume a defesa da dignidade humana como expressão da fé.

A pobreza, na perspectiva do capítulo, é antes de tudo uma categoria espiritual. Ela não se reduz à privação, mas indica liberdade interior, desapego e confiança em Deus (Libanio, 2010, p. 311-312). Assim como a esmola purifica o coração e conduz à conversão, a proximidade aos pobres transforma o próprio sujeito eclesial. Servir o pobre é deixar-se evangelizar por ele. Essa inversão em que o pobre se torna mestre de fé, exprime uma das mais profundas intuições da espiritualidade (Castillo, 2012, p. 158-169).

5 Uma história que continua

O IV capítulo (n. 82-102) representa um momento de síntese e atualização da Doutrina Social da Igreja (DSI), articulando sua trajetória histórica e seu enraizamento teológico-pastoral (Brighenti, 2018, p. 17-33). O texto propõe uma leitura da DSI não apenas como corpo doutrinário, mas como processo vivo, inserido na história concreta dos povos e marcado por uma crescente consciência da dignidade dos pobres enquanto sujeitos eclesiais e sociais. O capítulo evidencia, portanto, a passagem de uma eclesiologia assistencial para uma eclesiologia de participação e corresponsabilidade, em consonância com o movimento conciliar inaugurado pelo Vaticano II (Passos, 2014, p. 141-163).

O capítulo mostra que a DSI nasce no entrecruzamento entre a fé e a história, como resposta pastoral às contradições do capitalismo industrial e às novas formas de exclusão geradas pela modernidade. Desde *Rerum novarum* (1891), de Leão XIII, até as contribuições de Bento XVI e Francisco, percebe-se um deslocamento teológico: a caridade cristã, antes centrada em obras assistenciais, adquire progressivamente um caráter estrutural, exigindo justiça social e transformação das instituições (Aquino Júnior, 2023).



A teologia subjacente ao capítulo reconhece o pobre como *locus theologicus*, isto é, lugar privilegiado da revelação do amor de Deus (Boff, 2009, p. 639). Essa concepção ressoa com a tradição profética bíblica e com a cristologia do “Cristo pobre e servo”. A opção preferencial pelos pobres, longe de ser uma escolha sociológica, é apresentada como exigência teológica da encarnação: Deus se solidariza com os marginalizados e, neles, manifesta o rosto do Reino (Muñoz, 2010, p. 99-115).

A narrativa histórica proposta neste capítulo articula as grandes etapas do desenvolvimento da DSI: Leão XIII inaugura o magistério social com a defesa do trabalhador e da dignidade do trabalho. São João XXIII amplia a reflexão à escala global, introduzindo uma teologia do bem comum e da solidariedade internacional. O Concílio Vaticano II, especialmente com *Gaudium et spes*, reformula a relação Igreja-mundo, convidando a Igreja a ler “os sinais dos tempos” e a situar-se como servidora da humanidade.

São Paulo VI, com *Populorum progressio*, vincula desenvolvimento e libertação, antecipando a consciência de que a economia deve estar a serviço da pessoa humana. São João Paulo II sistematiza a “opção preferencial pelos pobres” e reinterpreta o trabalho como participação na criação e via de santificação. Bento XVI introduz uma leitura institucional e política da caridade, mostrando que o amor cristão se concretiza também em estruturas de justiça. O Papa Francisco recoloca o pobre no centro do discernimento eclesial, denunciando as causas sistêmicas da exclusão e chamando à conversão ecológica e social (Aquino Júnior, 2025, p. 40-43).

O título “Uma história que continua” aponta justamente para essa continuidade dinâmica: a DSI é tradição viva, aberta às novas questões antropológicas, econômicas e ecológicas.

O capítulo tem alto valor pastoral ao insistir na necessidade de reconhecer os pobres como sujeitos ativos da evangelização. Essa inversão de perspectiva supera a lógica paternalista e restabelece a reciprocidade evangélica: os pobres não são apenas destinatários da ação missionária, mas agentes de transformação e testemunhas de uma fé encarnada.

Ao destacar a “sabedoria espiritual dos pobres”, o texto adere à visão de Aparecida (2007) e à espiritualidade franciscana do Papa Francisco, para quem os pobres evangelizam pela sua confiança radical em Deus e pela capacidade de comunhão (Libanio, 2003, p. 141). Tal



perspectiva desafia as comunidades eclesiais a viverem uma pastoral de presença, proximidade e partilha, mais do que de assistência (Brighenti, 2021, p. 180-194).

6 Um permanente desafio

O quinto capítulo (n. 103-121), ao tratar do “permanente desafio” que é o compromisso da Igreja com os pobres, revela-se como um eixo hermenêutico privilegiado para compreender a autocompreensão eclesial em chave evangélica. Sua teologia parte da convicção de que o amor aos pobres não constitui mera consequência ética do Evangelho, mas pertence à própria ontologia da Igreja enquanto “sacramento universal de salvação” (LG 48). Nesse sentido, o texto reafirma a dimensão caritativo-evangelizadora como expressão da fidelidade ao Cristo encarnado, cuja presença se manifesta de modo particular nos rostos marcados pela vulnerabilidade (Cacchione, 2025, p. 123-129).

O capítulo desenvolve uma teologia da caridade que não se reduz à filantropia, mas radica-se na *kenosis* de Cristo, o qual “sendo rico, fez-se pobre” (2Cor 8,9). A pobreza, portanto, não é vista apenas como realidade social, mas como lugar teológico: um espaço privilegiado de revelação do amor de Deus e de comunhão com o Cristo crucificado e ressuscitado (Suess, 2025, p. 245-247). O texto recupera a tradição patrística, especialmente Gregório Magno e os Padres do deserto, para reafirmar que a relação com os pobres é critério de autenticidade da fé e sinal de conversão permanente.

A menção à expressão “os pobres são a carne de Cristo”, retomando a linguagem de Francisco em *Evangelii Gaudium* (n. 270), confere densidade cristológica ao argumento (Cacchione, 2025, p. 123-124). O cuidado com os pobres não é opcional, mas constitutivo da configuração da Igreja ao seu Senhor. Tal compreensão ecoa a tradição da teologia latino-americana da libertação (Bingemer, 2017), reinterpretada em chave pastoral e eclesial, sem reducionismos ideológicos.

O capítulo insiste que o cuidado com os pobres deve ser uma dimensão estrutural da vida comunitária, e não um simples setor de ação social. Essa ênfase pastoral converge com a eclesiologia do Papa Francisco, que propõe uma Igreja “em saída”, samaritana e misericordiosa (*Fratelli Tutti*, n. 63-68). A figura do bom samaritano é interpretada



como paradigma da ação pastoral: parar, aproximar-se, cuidar e deixar-se transformar pelo encontro (Osto, 2025, p. 67-72).

Pastoralmente, o documento denuncia o risco do “mundanismo espiritual”, isto é, de uma Igreja que se fecha em práticas devocionais ou institucionalismo eclesialístico, perdendo a sensibilidade ao sofrimento humano (Feller, 2024, p. 132-133). O cuidado integral, material e espiritual, dos pobres é apresentado como o antídoto contra essa enfermidade e como caminho de revitalização missionária.

Um dos pontos teologicamente mais finos é a revalorização da esmola como gesto sacramental de comunhão e misericórdia (Sung, 2010, p. 53-77). Longe de ser uma prática ultrapassada, ela é vista como meio de conversão: mais do que resolver a pobreza, transforma o coração de quem dá. Tal perspectiva reconecta a ética cristã com a espiritualidade, articulando fé e obras numa reciprocidade vital. Os Padres da Igreja já compreendiam a esmola como prolongamento da liturgia e expressão da oração; *Dilexi te* recupera essa mística da caridade como via de santificação.

A expressão “permanente desafio” aponta para a dimensão escatológica da caridade. O amor aos pobres não se esgota em projetos, mas é um chamado contínuo à conversão e à esperança. Uma Igreja “sem limites no amor”, como conclui o texto, é precisamente aquela que antecipa, na história, os sinais do Reino de Deus. Pastoralmente, isso exige discernimento comunitário, formação para a caridade e inserção real nos contextos de sofrimento humano (Tavares, 2021, p. 124-138).

6 Conclusão

O caminho percorrido permitiu-nos constatar que a exortação *Dilexi te* se revela como um marco significativo no desenvolvimento recente do magistério social da Igreja, articulando, de modo coerente e inspirador, a tradição doutrinal com os desafios emergentes do século XXI. Sua proposta de um amor preferencial pelos pobres, entendido não como apêndice, mas como núcleo constitutivo do Evangelho, confere à teologia e à pastoral uma orientação profundamente cristocêntrica e profética.

Ao conjugar fundamentos bíblicos, espirituais e históricos, o documento reafirma a inseparabilidade entre fé e compromisso social, convidando a Igreja a uma renovada conversão pastoral que ultrapassa



o âmbito da mera assistência e se traduz em verdadeira solidariedade transformadora.

Neste sentido, a análise teológico-pastoral empreendida evidenciou que *Dilexi te* não apenas retoma a continuidade do magistério pontifício sobre a caridade e a justiça social, mas também imprime-lhe uma tonalidade franciscana de simplicidade e proximidade, em consonância com as urgências do tempo presente.

A sua recepção, portanto, configura-se como ocasião privilegiada de discernimento e atualização da missão eclesial, reafirmando que a credibilidade do anúncio cristão depende, em última instância, da capacidade da Igreja de testemunhar o amor de Cristo nos rostos concretos dos pobres e excluídos.

Referências

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Chaves que abrem o magistério social do Papa Francisco. In: PASSOS, João Décio; RAMALHO, Rosa Maria; SANCHEZ, Wagner Lopes (org.). *O magistério social do Papa Francisco: balanços e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2025. p. 40-43.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Encíclicas sociais: um guia de estudo*. São Paulo: Paulinas, 2023.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. A violência contra os pobres: um pecado contra o próprio Deus. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro (org.). *A moral do Papa Francisco: um projeto a partir dos descartados*. São Paulo: Santuário, 2020. p. 113-147.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas, 2019.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Igreja dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2018.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Viver segundo o espírito de Jesus: espiritualidade como seguimento*. São Paulo: Paulus, 2014.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Pastoral urbana: novos caminhos para a Igreja na cidade*. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 124-138.

BETTO, Frei. *Documento do Papa Leão XIV consagra a Teologia da Libertação*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/658468-docu->



mento-do-papa-leao-xiv-consagra-a-teologia-da-libertacao-artigo-de-frei-betto. Acesso em: 11 nov. 2025.

BINGEMER, Maria Clara. *Teologia latino-americana: raízes e ramos*. Petrópolis: Vozes, 2017.

BLANK, Renold. *Deus e sua criação: doutrina de Deus, doutrina da criação*. São Paulo: Paulus, 2013.

BLANK, Renold. *A face mais íntima de Deus*. São Paulo: Paulus, 2011.

BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOFF, Clodovis. *Mariologia social: o significado da Virgem para a sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.

BOGAZ, Antônio Sagrado. *Vocabulário teológico: teologia patrística*. São Paulo: Paulinas, 2022.

BRIGHENTI, Agenor. *Teologia pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora*. Petrópolis: Vozes, 2021.

BRIGHENTI, Agenor. *A Laudato Si' no pensamento social da Igreja: da ecologia ambiental à ecologia integral*. São Paulo: Paulinas, 2018.

BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (org.). *A missão em debate: provocações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2010.

CACCHIONE, Eraldo. Pobres. In: GRILLO, Andrea; GUZZO, Luigi Mariano (org.). *Intra omnes! Do povo de Deus ao conclave: desafios e esperanças para a Igreja vindoura*. São Paulo: Paulus, 2025. p. 123-129.

CASTILLO, José M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. São Paulo: Paulus, 2012.

FELLER, Vitor Gaudino. Acídia pastoral e incômodos de uma Igreja em saída. In: CUNHA, Carlos Alberto Motta; CARMO, Solange Maria do (org.). *Pastoral urbana: práticas e desafios*. São Paulo: Paulus, 2024. p. 132-133.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Dilexit nos: sobre o amor humano e divino do coração de Jesus Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2024.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulinas, 2020.



FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. *A Igreja da misericórdia*: minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014.

GRILLO, A. *Dilexi te: “Não é caridade, mas Revelação.” Leão XIV e o ‘magisterium pauperum’*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/658412-dilexi-te-nao-e-caridade-mas-revelacao-leao-xiv-e-o-ensinamento-dos-pobres-artigo-de-andrea-grillo>. Acesso em: 11 nov. 2025.

IBÁÑEZ, José Alberto Hernández. *Patrologia didática*. São Paulo: Paulus, 2025.

KASPER, Walter. *Igreja católica*: essência, realidade, missão. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012.

LADARIA, Luis F. *Jesus Cristo, salvação de todos*. Petrópolis: Vozes, 2021.

LEÃO XIV. *Exortação Apostólica Dilexi te*: sobre o amor com os pobres. São Paulo: Paulinas, 2025.

LIBANIO, João Batista. Novos desafios e tarefas para a Teologia na América Latina e Caribe. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (org.). *A Teologia da Libertação em perspectiva*. São Paulo: Paulus: Paulinas, 2013.

LIBANIO, João Batista. *A escola da liberdade*: subsídios para meditar. São Paulo: Loyola, 2010.

LIBANIO, João Batista. *Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação*. São Paulo: Paulinas, 2003.

MUÑOZ, Ronaldo. A opção pelos pobres como expressão da autenticidade da missão. In: OSTO, Giulio. *Fraternidade*. In: GRILLO, Andrea; GUZZO, Luigi Mariano (org.). *Intra omnes! Do povo de Deus ao conclave*: desafios e esperanças para a Igreja vindoura. São Paulo: Paulus, 2025. p. 67-72.

PASSOS, João Décio. *Concílio Vaticano II*: reflexões de um carisma em curso. São Paulo: Paulus, 2014.

RIBEIRO, Nilo. *Pensar outramente*. São Paulo: Loyola, 2025.



ROSELI, A. '*Dilexi te*': *Leão surpreende com puro evangelho*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/658342-dilexi-te-leao-surpreende-com-puro-gospel-artigo-de-alberto-roseli>. Acesso em: 11 nov. 2025.

SUESS, Paulo. *Teologia da missão: convocar e enviar servos e testemunhas do Reino*. Petrópolis: Vozes, 2025.

SUNG, Jung Mo. Categorias sociais e a experiência espiritual. In: ASS-MANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. *Deus em nós: o reinado que acontece no amor solidário aos pobres*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 53-77.

TAVARES, Sinivaldo S. Periferias como lugar teológico-ecclesial. In: BRIGHENTI, Agenor; VIDAL, J. M. *Tem cheiro de Francisco, tem gosto de Francisco é de Francisco*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/658388-tem-cheiro-de-francisco-tem-gosto-de-francisco-e-francisco-artigo-de-jose-manuel-vidal>. Acesso em: 11 nov. 2025.

WISNIEWSKI, E. A densidade teológica e pastoral da Exortação apostólica *Dilexi te*. In: *Ciberteologia*, São Paulo, n. 81, p. 61-78, jan./abr. 2026.